

## INÁCQUAS

Das águas claras e correntes, doces e salgadas às águas profundas e dormentes. Águas que irrigam, evaporam e chovem, benzem e purificam, abrem caminhos e esculpem pacientemente a matéria pétreo. Em *Inácquas*, a artista visual Eidi Feldon deságua indagações sobre os mistérios das águas, irriga enigmas guardados na itinerância incessante de sua paisagem primal.

Navegando por entre metáforas dos movimentos das águas, Eidi articula em *Inácquas* a precipitação de um acervo de fotografias por ela produzido em suas itinerâncias nos últimos anos. Fabulando rotas possíveis perante a rebelião própria ao devaneio das águas, *Inácquas* revela uma busca estética para *des-codificar* e *trans-figurar* o ambiente aquoso; borrifar suas cores, reflexos e texturas. “Cada processo, cada etapa expressa um desejo de *aproximação-distância*, *foco-desfoco*, *revelar-esconder*, *clareza-mistério*, *rastros-presenças*”, descreve a artista.

Eidi contempla as águas a partir da experiência de seus movimentos, linhas e fluidez. Nesse mergulho, dissolve a forma e se deixa dissolver nessa vivência maternal e feminina dos fluxos. Entidade vívida, as águas incorporam poderes e encantamentos que escapam a nossa percepção descontínua.

Por vezes, Eidi adiciona nestas paisagens líquidas um ovo cósmico, artefato por ela criado, por meio do qual somos vertiginosamente atraídos pela fluidez e quase alucinação de uma imagem que ora se insere naturalmente na paisagem, ora nos provoca estranhamento ao nos colocar em contato com o grande Cosmos que nos absorve.

Na poética de Gaston Bachelard, a água é um elemento transitório e, seus devotos, seres em vertigem. Com sua estratégia artística, Eidi deixa evidenciar ligações secretas nascidas das relações vitais implicadas: um corpo humano capaz simplesmente de flutuar nas águas; imensos oceanos, onde se escondem vitalidades, medos, sonhos e escuridões; cachoeiras de espumas arenosas que transbordam desejos e sensações nos fazendo lembrar de Bachelard uma vez mais: “a água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal. Em numerosos exemplos

veremos que para a imaginação materializante a morte da água é mais sonhadora que a morte da terra: o sofrimento da água é infinito”<sup>1</sup>.

Em escala expandida e derramadas nas páginas, as *imagens-aquíferas* de *Inácguas* formam fluxos e refluxos, promovem encontros entre águas correntes e desenhos de marolas imaginadas. Em uma espécie de *hidro-caligrafia*, desenhos e *desfotografias* d’águas ao infinito, *Inácguas* nos inquietam e instigam a sentir o poder sagrado das águas, do que passa, do que flui e do que é descontínuo como energia natural. Na poética de Eidi, as águas são uma entidade, moradora perene nos tempos e na *criação*, insubordinadas às leis dos homens, mas eternamente dinamizadas como embriões da vida.

Eder Chiodetto e Fabiana Bruno

---

<sup>1</sup> BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 7.